
Representatividade e ficcionalidade: as crônicas de José Clemente Pozenato e o espaço regional

*Ilva Maria Boniatti**

Resumo: As crônicas do escritor José Clemente Pozenato, publicadas de 1986 a 2001, num total de 561 textos, registram passagens e ultrapassagens no espaço de produção de valores na cultura e na arte da Região do Alto da Serra, em Caxias do Sul, no Rio Grande do Sul. Representativa da recepção da cultura de origem italiana no Brasil, essa espacialização determina os registros literários do escritor, legitimando uma identidade própria feita de divergências e convergências. Assim, a leitura desses textos possibilita extrair o perfil cultural da região, onde se mesclam diferentes culturas de diferentes extrações sociais e regionais, permitindo ao leitor comparatista examinar o modo como foram absorvidos pela literatura elementos pertencentes a diferentes regiões, como o Vêneto e outras.

Palavras-chave: crônicas, Pozenato, cultura regional.

Abstract: José Clemente Pozenato “scommentaries published from 1986 to 2001, a bulk of 561 texts, register passages and transpassages in the space of values” production in the culture and art of the Alto da Serra Region in Caxias do Sul, Rio Grande do Sul. Representative of the reception of the Italian culture in Brazil, this space determines the literary registers of the writer, thus legitimating his own identity of divergences and convergences. By reading the texts one can understand the cultural aspects of the region, a melting pot of different cultures and social extracts, and it also allows the comparatist reader to take a close look into the way typical elements of different regions such as the Veneto were absorbed into literature.

Key words: commentaries, Pozenato, regional culture.

As crônicas do acervo do escritor José Clemente Pozenato, publicadas de 1986 a 2001 (Projeto de Pesquisa),¹ num total de 561 textos, registram passagens e ultrapassagens no espaço de produção de valores na cultura e na arte na Região do Alto da Serra, em Caxias do Sul. Os traços culturais dessa

* Professora no Departamento de Letras da Universidade de Caxias do Sul (UCS); Professora no Programa de Pós-Graduação da Universidade de Caxias do Sul (UCS); Mestre em Letras e Cultura Regional; Doutora em Literatura Comparada pela Universidade de Limoges (França).
E-mail: imboniat@ucs.br

região trazem as marcas dos imigrantes, cuja tradição é partilhada por outros grupos em outras regiões do Estado. Essa espacialização da cultura encontra-se presente, determinando as preferências temáticas do escritor, que visam legitimar uma identidade própria. Assim, da leitura desses textos, procurou-se extrair algumas configurações que definam o perfil cultural da região, mesclando diferentes estratos da cultura italiana, representados por dialetos de regiões como o Vêneto e outros.

Na crônica “Um traço cultural”, de 1º a 2 de agosto de 1987, publicada no Jornal *Pioneiro*, Pozenato afirma que *o traço cultural* é uma “espécie de marca que fica no comportamento de um grupo social, que viveu a mesma história, enfrentou as mesmas adversidades e acabou criando os mesmos instrumentos para garantia da sobrevivência”. É nesse sentido que o autor caracteriza os imigrantes europeus que criaram, no Rio Grande do Sul, a tradição cultural do Alto da Serra.

No livro de sua autoria, *O regional e o universal na literatura gaúcha*² (Pozenato, 1974) salienta o autor, já nos anos 70, que o regional aparece como um simples demarcador externo, uma vez que a partir do Modernismo, ele pode ser entendido com base em critérios geográficos ou segundo critérios culturais. Na crônica referida, Pozenato reconhece a interpretação das práticas culturais que implicam considerar o envolvimento dos agentes desse processo, além do espaço social onde eles atuam. A região do Alto da Serra caracteriza essa “marca” cultural decorrente da iniciativa de buscar soluções para a sobrevivência num espaço novo e inóspito.

Outra crônica, datada de 7 de agosto de 1987, intitulada “Universidade e região”, sinaliza a idéia de regionalização como base para o desenvolvimento cultural e social. Salienta que a Universidade deve ser pensada como uma ação inovadora “com um passo sempre à frente na pesquisa de novos saberes e fazeres”, uma vez que ela funciona como um elemento de aglutinação. Na região do Alto da Serra, Pozenato dá voz aos colonos italianos, fixando sua história e o percurso de adaptação cultural. Como registra Ricardo Kaliman (1994),³ a relação de espaço como tema da literatura resulta na produção de uma literatura regional, produzida por autores que escrevem de uma certa região e falam dessa mesma região de um modo próprio. Assinala ainda que o espaço de produção é entendido como uma determinante de certas propriedades do texto, enquanto o espaço referido é entendido como uma opção preestabelecida. Assim, o conceito abriga-se em pressupostos subjacentes, de natureza teórica, pois a relação entre espaço e literatura supõe questionamentos. Para Kaliman, “um texto não é senão um objeto totalmente inerte e carente de significado na ausência dos indivíduos que o processam com a finalidade de viver um certo tipo de experiências

comunicativas”. Como se lê, Kaliman acentua a presença do escritor-autor e também do leitor, como sujeitos que criam o significado dos textos, incluindo-se nesse movimento a compreensão das peculiaridades regionais.

Nesse sentido, também pensando o conceito de região como instrumento de produção de conhecimento, a definição que se tem encontrado amplia o sentido usual da palavra “região”. Parece, assim, conveniente dizer que não existe uma circunscrição só de espaço, mas também de tempo. Essa noção está implícita na palavra *circunscripción*, eis que a “região não é um conjunto de realidades materiais contidas dentro de determinados limites espaço-temporais, mais precisamente o constructo mental – o social”. Desse modo, é preciso pôr em relevo que as regiões não existem como tais no mundo empírico, senão como resultado da apreciação e organização dessas experiências nas subjetividades humanas, originadas em determinadas circunstâncias históricas e logo reproduzidas como qualquer outro componente cultural, por meio da socialização.

Em livro publicado recentemente e intitulado *A Fronteira*,⁴ o historiador Tau Golin (2002, p. 52) comenta o fato de que a região, “entendida como espaço social construído historicamente” é local de polêmica. Ao ser parte de um todo, as regiões recortam os seus próprios limites, o que as transforma em “subespaços nacionais” [...] “mais ou menos integrados, ou relativamente isolados, à dinâmica dos seus países.” Não obstante, prevalece a idéia de que a região consiste numa particularização dos locais e sua individuação. Para desenvolver essa idéia, ele cita George Zarur quando afirma que

a apropriação socialmente majoritária entende que essa parte – a região – pertence, com maior ou menor autonomia, ao todo. De qualquer modo, região é vista como alguma coisa reconhecível em sua especificidade, em um território de contornos senão precisos ao menos suficientemente claros e que abriga características culturais definidas. A região tende, pois, nesta corrente do imaginário, a ser vista como fixo, duradouro – ou até permanente –, que se distingue comparativamente de outras regiões, do conjunto de um país e, mesmo, de qualquer outra região de qualquer outro país⁵ (Zarur, 2000).

Sendo, no entanto, o objetivo deste trabalho situar a região como elemento definidor da poética autoral de José Clemente Pozenato, eis que o tema é recorrente em suas crônicas, interessa considerar o papel do autor, a relação entre o texto e seu autor, a responsabilidade do autor pelo sentido e pela significação do texto. Como afirma Compagnon⁶ (1999, p. 47) quando enfoca a questão da autoria literária, autor e leitor contribuem para criar o

texto literário. Nesse mesmo sentido, em suas crônicas, Pozenato sinaliza o valor do leitor para a construção das culturas híbridas. Exemplo disso é a crônica “O Biriva”, datada de 3 de junho de 1989, que enfoca a passagem do escritor José Bernardino dos Santos por Caxias do Sul. Homem rústico dos Campos de Cima da Serra, o biriva caracteriza a “região selvática e primitiva de Caxias do Sul”, contrapondo-se, por sua reserva e desconfiança, ao temperamento expansivo dos caxienses em geral. Para Pozenato, “os birivas sempre estiveram como estão até hoje, permeados no meio dos italianos”. Essas diversidades na composição dos tipos regionais serão constantes na obra ficcional de Pozenato. Do mesmo modo, elas se encontram nas crônicas publicadas em periódicos, como ilustra essa última, que destaca a figura do biriva. A temática decorre, portanto, da conscientização de que a diferença regional é sempre um processo de hibridação. Nesse sentido, ao assinalar o caráter híbrido da cultura do Alto da Serra, Pozenato caminha ao encontro de Nestor Canclini, quando este considera que a expansão urbana determina a hibridação.

Nos estudos culturais da atualidade, cada vez mais se tem observado a importância das geografias literárias na composição de imaginários locais. Essas formulações, que foram objeto, inclusive, do II Colóquio Sul de Literatura Comparada, realizado em julho último, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, instigam o pesquisador comparatista a buscar, na região, informações contextuais que permitam investigar divergências e convergências temáticas na configuração da cultura local. Além disso, para conhecer a literatura produzida no Alto da Serra, é importante ver o quanto é devedora da cultura italiana, assimilada na constituição de uma nova geografia cultural. Trata-se, pois, de estudar a produção da região do Alto da Serra, *relacionando o fato e o texto literário em suas variáveis dimensões epistemológicas, movidas pelo olhar atento e renovado que caracteriza o comparatista literário*, conforme consta da apresentação desse ciclo.

Por outro lado, por tratar-se do estudo de crônicas, é relevante citar Afrânio Coutinho (1986)⁷ quando o autor ressalta sua natureza literária. A crônica é na essência uma forma de arte, arte da palavra, a que se liga forte dose de lirismo. É um gênero pessoal, uma reação individual, ética diante dos fatos da vida. Sua produção constante mostra que o termo crônica mudou de sentido em sua evolução, sem perder os vínculos com o sentido etimológico que lhe é próprio e que está em sua formação. Ao consultar o *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, de Aurélio Buarque de Holanda⁸ (Holanda, 1986), o verbete assinala, dentre outros significados, dois que auxiliam neste momento:

Crônica (do lat. *Chronia*). s.f.: Narração histórica, ou registro de fatos comuns, feitos por ordem cronológica [...] ; texto jornalístico redigido de forma livre e pessoal, e que tem como temas, fatos ou idéias da atualidade, de teor artístico, político, esportivo, etc., ou simplesmente relativos à vida cotidiana.

Remetendo-se aos significados apontados no verbete, vê-se que o primeiro refere-se ao sentido primordial de registro cronológico do passado. O segundo refere crônica em sua acepção atual, ou seja, significando o enfoque dos fatos do dia-a-dia. É preciso registrar que tanto no sentido tradicional do termo, quanto em relação ao seu sentido moderno, a crônica está sempre contida no radical do termo que a designa: ela é sempre um resgate do tempo. Assim, se a matéria da crônica é a vida fugaz, ela existe para registrar e salvar do esquecimento as passagens e ultrapassagens do fato para o texto, relacionando-os *em suas variáveis dimensões epistemológicas*⁹ (Anpoll, 2003).

Assim, dizem os estudiosos que a pré-história literária brasileira inicia-se com uma crônica, a Carta de Pero Vaz de Caminha. O escrivão da armada de Pedro Álvares Cabral, relata ao rei D. Manuel a descoberta do Brasil em 1500. Como a carta só aportaria ao seu destinatário tempos depois do evento, os acontecimentos passaram a constituir o registro do passado¹⁰ (Sá, 1985). Caminha é o cronista à moda do Quinhentismo português e comporta-se também como cronista no sentido atual da palavra, o de flagrar o tempo presente, na medida em que seu relato é contemporâneo dos acontecimentos que narra. É importante registrar que esse conceito antigo de crônica como relato de fatos históricos, continuou paralelamente à concepção moderna que se impôs a partir do século XIX, com o advento da literatura jornalística. A crônica jornalística tem seu marco inicial como *feuilleton*, folhetim. Como era o espaço livre no rodapé do jornal, destinava-se a entreter o leitor e a dar-lhe uma pausa de descanso em meio a notícias pesadas que ocupavam as páginas dos periódicos. A aceitação do público é significativa e, neste século XIX, recebe o nome de folhetim-variedades¹¹ (Steen, 1982), dando início ao gênero crônica jornalística. Atualmente, a crônica, é mais curta, sucinta. Entre os variados assuntos abordados pelos cronistas, sobressai o exercício da metalinguagem, cuja proposta é debruçar-se sobre si mesma discutindo especificidades do gênero e suas relações com o público leitor. Assim, a crônica deixa os rodapés do jornal e passa a ocupar um espaço que acentua a relação entre fato social e fato literário.

É nesse sentido que Pozenato apresenta fatos colhidos do imaginário local, abordados sob uma perspectiva lírica que, mesmo assim, preserva a

característica regional. A leitura de suas crônicas propõe novas clivagens do social para o literário, justificando novas reflexões sobre as convergências e as divergências que atravessam o próprio comparativismo. Isso pode ser constatado através com a leitura do livro *Conversa solta*¹² (Pozenato, 1999), seleção de crônicas do autor.

Como se lê em diversos textos, a preocupação do autor, ao situar o regional, não se limita a um simples demarcador externo, uma vez que a partir do Modernismo, o regional pode ser entendido com base em critérios geográficos e culturais¹³ (Pozenato, 1974).

Por outro lado, a apropriação socialmente majoritária entende que esta parte – a região – pertence, com maior ou menor autonomia, ao todo. De qualquer modo, região é vista como alguma coisa reconhecível em sua especificidade, em um território de contornos senão precisos ao menos suficientemente claros e que abriga características culturais definidas. A região tende, pois, nessa corrente do imaginário, a ser vista como fixa, duradoura – ou até permanente –, que se distingue comparativamente de outras regiões, do conjunto de um país e, mesmo, de qualquer outra região.

Estudando especificamente a relação fronteira-região, pode-se comparar tempos históricos que não são simultâneos e que aproximam as noções referidas de fronteira, região e nação. Nesses parâmetros, encontram-se as relações muitas vezes antagônicas entre esses conceitos, uma vez que neles se insere a história local da sociedade rio-grandense. Basta ver na história platina como de resto em quase toda a Latino-América, que a região precede a nação. Hobsbawn (1990)¹⁴ relata que a tentativa da “existência de nacionalidade ou de explicar por que outros grupos se tornaram “nações” e outros não, freqüentemente foram feitas com base em critérios simples como a língua ou a etnia ou em uma combinação de critérios como a língua, o território comum, a história comum, os traços culturais comuns e outros mais”. Afirma Hobsbawn que a definição de nação é subjetiva, seja ela coletiva, seja individual. Nesse sentido, a “nacionalidade” pode aderir às pessoas, conforme sugere Ernest Gellner¹⁵ (Hobsbawn, 1990, p. 16).

Ao questionar, ainda nos anos 60, o significado de nação, Hobsbawn relê Ernst Renan, em *Qu'est-ce que c'est une Nation?*, observando como elo de fixação do conceito a existência de objetivos comuns. Para ele, insistir na consciência ou na escolha como o critério da existência de nações é subordinar os muitos modos pelos quais os seres humanos se definem e se redefinem como membros de grupos quando decidem pertencer a uma “nação” ou a uma “nacionalidade”. Talvez esse raciocínio possa ser transferido e adaptado para dar conta do conceito de região como lugar de pertencimento.

Nesse sentido, para compreender a passagem do fato social para o literário nas crônicas de Pozenato, é preciso ressaltar o papel do escritor e sua responsabilidade na criação de sentidos e significados do texto. Como afirma Compagnon (1999, p. 47)¹⁶ o autor deve ser resgatado como sujeito social, eis que sua intenção – que não se confunde com premeditação – é um elemento importante para compreender a obra literária no seu contexto de produção.

Booth (apud Compagnon, 1999, p. 150)¹⁷ defende a tese de que um autor nunca se retira totalmente de sua obra, mas deixava nela sempre um subtítulo que a controla em sua ausência: o autor implícito. Nesse aspecto, em muitas crônicas o escritor Pozenato exemplifica a afirmação de Booth quando diz que o autor “constrói seu leitor”, da mesma forma que ele constrói seu segundo eu, e [que] a leitura mais bem sucedida é aquela para a qual os eus construídos, autor e leitor, podem entrar em acordo.

Parece oportuno colocar aqui a noção de *intertextualidade* por muitos caminhos, na rede que liga os elementos da literatura, por exemplo, a partir da leitura. Para a teoria literária os outros textos tomam explicitamente o lugar da realidade, e é a intertextualidade que se substitui à referência. Assim se manifesta uma segunda geração da teoria em Barthes, depois de uma primeira época inteiramente voltada para o texto na sua imanência, sua clausura, seu sistema, sua lógica, seu face a face com a linguagem. Depois da elaboração da sintaxe do texto literário, no momento em que uma semântica deveria ser trazida à luz, a intertextualidade se apresenta como uma maneira de abrir o texto, se não ao mundo, pelo menos aos livros, à biblioteca.

O termo *intertexto* ou *intertextualidade* foi composto por Julia Kristeva, pouco depois de sua chegada a Paris, em 1966, no seminário de Barthes, para relatar os trabalhos do crítico russo Mikhail Bakhtine e deslocar a tônica da teoria literária para a produtividade do texto, até então apreendido de maneira estática pelo formalismo francês: “Todo texto se constrói como mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto.” A intertextualidade designa, segundo Bakhtine, o diálogo entre os textos, no sentido amplo: é “o conjunto social considerado como um conjunto textual”.

A intertextualidade se define, segundo Genette (apud Compagnon, 1999, p. 112),¹⁸ por “uma relação de co-presença entre dois ou vários textos”, isto é, o mais das vezes, pela “presença efetiva de um texto num outro”. Citação, plágio, alusão são suas formas correntes. Desse ponto de vista, mais restrito, negligenciando a produtividade sobre a qual Kristeva, depois

de Bakhtine, insistia, a intertextualidade tende, às vezes, a substituir simplesmente as velhas noções de “fonte” e de “influência”, caras à história literária, para designar as relações entre os textos. Além disso, juntamente com as “fontes literárias”, a história literária reconhecia as “fontes vivas”, como um pôr-do-sol ou um luto amoroso, o que mostra que uma mesma noção já recobria as relações da literatura com o mundo e com a literatura, e o que lembra, também, que o ponto de vista da história literária não era unicamente biográfico. Insistindo nas relações entre os textos, a teoria literária teve como conseqüência, talvez inevitável, superestimar as propriedades formais dos textos em detrimento de sua função referencial, e por isso desrealizar o dialogismo bakhtiniano: a intertextualidade tornou-se logo, muito mais, um dialogismo restrito.

“O intertexto”, escreve ainda Riffaterre (apud Compagnon, 1999, p. 113),¹⁹ “é a percepção, pelo leitor, de relações entre uma obra e outras que a precederam ou se lhe seguiram”, e essa é a única referência que importa nos textos literários, os quais são auto-suficientes e não falam do mundo, mas de si mesmos e de outros textos. “A intertextualidade é [...] o mecanismo próprio para a leitura literária. Somente a intertextualidade, na verdade, produz a significância, enquanto a leitura linear, comum aos textos literário e não literários, não produz senão o sentido.” Segue-se que a intertextualidade é a própria literariedade, e que o mundo não existe mais para a literatura. Mas essa definição restrita e purificada da intertextualidade não se basearia ela numa petição de princípio, a saber, numa distinção arbitrária e impermeável entre linguagem cotidiana e literatura.

Na intertextualidade da leitura tem-se razões de sobra para falar-se da mundialização e da cultura. Tem-se a existência de processos globais que transcendem os grupos, as classes sociais e as nações, afirma Renato Ortiz (2003).²⁰ Esses processos globais articulam a hipótese da emergência de uma sociedade global. Há uma intimidação nas Ciências Sociais diante dessa magnitude, sem se falar da americanização não só da economia mas da cultura, afirma Pozenato na crônica “Como era gostoso o meu francês” em 16 de setembro de 1989. O autor salienta o sucesso da língua francesa, em Caxias do Sul, nos anos de 1950-1960, e a mudança que ocorreu dos anos pós-1964. Ele aponta o charme dos cafés, de origem francesa, na capital platina e na intersignificação das palavras *petit déjeuner* e *breakfast*. Ilustrativo é o registro de Pozenato, nessa crônica, da ausência de estudantes para o vestibular de Língua Francesa. As razões de mercado se impõem sobre o interesse cultural.

Assim, em muitas crônicas de Pozenato, as possibilidades significativas da linguagem se encontram disseminadas, dando conta das passagens do fato social para o literário. Veja-se, por exemplo, “Os cinzeiros de bronze”, de 11 de fevereiro de 1989, em que Pozenato dá voz à cidade de Nova Milano, como berço da colonização italiana no Rio Grande do Sul, na comemoração dos 50 anos da chegada dos primeiros imigrantes. É nesta comemoração que Nova Milano referencia por meio de uma placa de bronze, em italiano, os seus 50 anos. Ela foi a primeira sede da colônia conhecida por algum tempo pelo nome de Barracão, por servir de hospedagem aos imigrantes. Fato importante afirma Pozenato na crônica “Os cinzeiros de bronze” que uma expedição comandada por um tenente nacionalista vai a Nova Milano, e resolve retirar a placa e levá-la para uma fundição na cidade de Caxias do Sul. Lá, a placa deveria ser transformada em cinzeiros que seriam distribuídos nas repartições públicas como um troféu entre as autoridades e os combatentes do nacionalismo. O que não ocorreu ao tenente é que “estava cometendo um crime contra a história e a civilização”, afirma Pozenato. E o destino traçou a sua verdade: o dono da fundição guardou a placa de bronze, e com outro material fez os cinzeiros. Passado algum tempo, fez saber aos moradores de Nova Milano que a placa de bronze estava salva, motivando que a mesma fosse recolocada em cerimônia festiva. Assim, tratava-se de legitimar a verdade histórica, sabendo-se que os cinzeiros de bronze nem sequer “eram genuinamente nacionais”. Em seu parâmetro mais geral, “a idéia de região” registra características culturais definidas que movem o inconsciente cultural, individual ou coletivo. Como afirma Pozenato, “de tanto conviver com determinados comportamentos do seu grupo cultural, o indivíduo acaba assimilando seus traços, seus modos de ver e de agir”. No caso do escritor, essa espécie de “respiração” regional transfere-se à literatura.

No caso, uma sociedade com suas “generosas famílias italianas” encontra-se um modelo de pai. Esse pai é chamado de “pai patrão” na voz de um cineasta italiano. Essa imagem é bastante forte para se incorporar ao inconsciente cultural. Nesse sentido, a palavra região-regional, em razão de sua posição periférica, necessita construir uma acentuada e típica identidade e exatamente a região de Caxias do Sul, na voz do escritor Pozenato, ilustra todo um propósito de região e regional, envolvendo individual e coletivamente o leitor para legitimar a força da palavra.

Os campos político e econômico reorientam-se superestruturalmente na esfera cultural, na qual “a dimensão simbólica desempenha um papel preponderante”. Nesse sentido, Bourdieu²¹ (apud Oliven, 2000) argumenta que as lutas a propósito da identidade regional se constituem num caso

particular de lutas de classificação, lutas pelo monopólio de impor a definição legítima da divisão do mundo social, ou seja, para Bourdieu o regionalismo (como o nacionalismo) não passa de um caso particular de lutas simbólicas em que os agentes estão engajados seja individual ou coletivamente e de forma organizada. A esse respeito, a sociedade de colonização italiana reflete o inconsciente cultural, e na medida em que dita procedimentos, a história se repete.

Oportunizar a reflexão sobre a colonização italiana no Rio Grande do Sul (1875-1914) Manfroí²² (1975, p. 55) registra que em 1870, na época da imigração italiana, o Rio Grande do Sul era ainda a Campanha Meridional, os pampas, a região de pecuária. A população das colônias não representava mais de 1/6 dos habitantes do RS, avaliados em 435.813, dos quais 41.725 eram estrangeiros.

Os 434.813 habitantes do Rio Grande do Sul estavam repartidos em 1872: Campanha 43%; Depressão Central 33% (Porto Alegre, a Capital, contava só 30.583hab.); Planalto 9%; Litoral 8%; Colônias 7%.

A parte superior da Encosta da Serra, situada entre os Campos de Cima da Serra, ao Norte, e as colônias alemãs do Sul, estava ainda deserta em 1870. Os colonos alemães tinham chegado somente até os primeiros contrafortes da Serra, a 300 metros de altitude. Além, dominava a floresta virgem, densa e impenetrável, a serra abrupta que cortava o Rio Grande do Sul de Leste a Oeste, em dois territórios distintos.

Foi essa zona que o governo provincial decidiu colonizar, em 1869, e que se chamaria, mais tarde: a Região Colonial Italiana²³ (Sá, 1871,1914, p. 57). Nesse sentido, a crônica “Pai patrão” de 24 de maio de 1987, no jornal Pioneiro, Pozenato analisa o comportamento da família italiana na caracterização da figura paterna, “el pupa”.

Na crônica “Universidade e região” Pozenato define região em “função da existência de centros difusores de tecnologia, que levam a transformações no modo de vida e na criação de representações culturais”, caracteriza assim uma forma dessas experiências da região italiana, por suas origens étnicas, no momento da imigração, legitimando os “saber fazer” diferenciados no Estado do Rio Grande do Sul, e que se desenvolveram na região. Ainda sob o título de investigação do “saber regional” tem-se: “Depois das Antas”, de 14 dezembro de 1986; “Carta a Antonio Prado”, de 31 outubro a 1º de novembro de 1987; “Bandas de música”, de 17 de dezembro de 1988; “Nichts”, de 24 de dezembro de 1988; “Negócios, negócios”, de 7 de janeiro de 1989; “Os cinzeiros de bronze”, de 11 de fevereiro de 1989; “Curtir a cidade”, de 28 fevereiro de 1989; *A estação do trem*, de 8 de julho de 1989;

“Agora os trilhos”, de 15 de julho de 1989; “Cidade das letras”, de 30 de setembro de 1989; “Cara mudada”, de 7 de outubro de 1989.

Assim, as questões da identidade e do nacional vêm sendo tratadas com consistência teórica abrangendo e ampliando o conceito do regional. As crônicas do escritor Pozenato iluminam aspectos teóricos essenciais para a valorização da diferença comum às culturas híbridas. Nesse sentido, a Pérola das Colônias, assim chamada, hoje, Caxias do Sul, recosta-se em seu passado, a partir da estrada de ferro, onde os “trilhos [...] faziam um percurso sinuoso antes de chegar a Caxias, [...]” porque “era uma via de integração entre todas as colônias, ou melhor não deixar de fora nenhuma das colônias italianas”(Pozenato, 15 jul. 1989). Ao interpretar a obra de Pozenato, identificar a ação e o papel dos diversos mediadores culturais como elementos de inter-relação comuns a universos socioculturais distintos, nos processos de construção de valores e de avaliação crítica, visualiza-se a força de integração que representou a estrada de ferro de Caxias do Sul na vida econômica e social.

Conforme Pozenato, em sua crônica “Agora os trilhos” (8 jul. 1989) “o trem era uma porta aberta para as mulheres de toda a região para um pouco de vida social”. O trem contribuiu também para a autonomia da mulher, no ir e vir para Caxias do Sul. Na atuação desse espaço social em que atuam os agentes culturais, fixando sua história e o percurso de adaptação cultural na região colonial de Caxias do Sul e onde a linha férrea contribui também para o desenvolvimento regional. Atribui-se que há um lugar onde se escreve, e um espaço da enunciação literária, e há um lugar como tema sobre o qual se escreve e este espaço é o texto literário, e o autor é José Clemente Pozenato.

Notas

- ¹ Projeto de pesquisa: Literatura Comparada, deslocamentos e distanciamentos: a obra de José Clemente Pozenato – Projeto de pesquisa desenvolvido na Universidade de Caxias do Sul.
- ² POZENATO, José Clemente. *O regional e o universal na literatura gaúcha*. Porto Alegre: Movimento/IEL, 1974.
- ³ KALIMAN, Ricardo. *Un marco (no “global”) para el estudio de las regiones culturales*. Tucumán: Universidad Nacional de Tucumán-Conicet, 1994.
- ⁴ GOLIN, Tau. *A fronteira*. Porto Alegre: L&PM, 2002. p. 52.
- ⁵ ZARUR, George de Cerqueira Leite. Região e nação na América Latina. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado/UNB, 2000. In: GOLIN, Tau. *A fronteira*. Porto Alegre: L&PM, 2002.
- ⁶ COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria*. Belo Horizonte: UFMG, 1999. p. 47.
- ⁷ COUTINHO, Afrânio. *Introdução à literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1986.
- ⁸ HOLANDA, Aurélio Buarque de. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- ⁹ Conforme a apresentação do X Ciclo de Literatura e Encontro do GT de Literatura Comparada da ANPOLL, 2003.
- ¹⁰ SÁ, Jorge de. *A crônica*. São Paulo: Ática, 1985.
- ¹¹ STEEN, Edla Van. *Viver e escrever*. São Paulo: LPM, 1982.
- ¹² POZENATO, José Clemente. *Conversa solta*. Caxias do Sul: Maneco, 1999.
- ¹³ _____. *O regional e o universal na literatura gaúcha*. Porto Alegre: Movimento, IEL, 1974.
- ¹⁴ HOBBSBAWM, Eric J. *Nações e nacionalismo desde 1780*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- ¹⁵ _____. *Nações e nacionalismo desde 1780*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990. p. 16.
- ¹⁶ COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 1999. p. 47.
- ¹⁷ COMPAGNON, op cit., p. 150.
- ¹⁸ COMPAGNON, op cit., p. 112.
- ¹⁹ COMPAGNON, op cit., p. 113.
- ²⁰ ORTIZ, Renato. *Mundialização e cultura*. São Paulo: Brasiliense, 2003.
- ²¹ Citado em OLIVEN, Ruben George. Modernidade e identidade nacional. In: KERN, Arno Alvarez (Org.). *Sociedade ibero-americana: reflexões e pesquisas recentes*. Porto Alegre: Edipucrs, 2000.
- ²² MANFROI, Olívio. *A colonização italiana no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Grafosul/IEL, 1975. p. 55.
- ²³ SÁ, Men de. *Aspectos econômicos da colonização italiana no Rio Grande do Sul*. Álbum Comemorativo do 75º Aniversário da Colonização Italiana no Rio Grande do Sul – 1871 a 1914, p. 57.

Referências bibliográficas

- ARISTOTE. *La poétique*. Tradução de R. R. Dupont e J. Lallot. Paris: Seuil, 1980. Citado em OLIVEN, Ruben George. Modernidade e identidade nacional. In: KERN, Arno Alvarez (Org.). *Sociedade ibero-americana: reflexões e pesquisas recentes*. Porto Alegre: Edipucrs, 2000.
- COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 1999.
- COUTINHO, Afrânio. *Introdução à literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1986.
- GELLNER, Ernest. *Nations and nationalism and the state*. In: HOBBSAWM, Eric J. *Nações e nacionalismo desde 1780*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- GOLIN, Tau. *A fronteira*. Porto Alegre: L&PM, 2002.
- HOBBSAWM, Eric J. *Nações e nacionalismo desde 1780*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- HOLANDA, Aurélio Buarque de. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- KALIMAN, Ricardo. *Un marco (no "global") para el estudio de las regiones culturales*. Tucumán: Universidad Nacional de Tucumán/Conicet, 1994.
- KALIMAN, Ricardo. *La palabra que produce regiones, el concepto de región desde la teoría literaria*. Tucumán: Universidad Nacional de Tucumán/Conicet, 1994.
- ORTIZ, Renato. *Mundialização e cultura*. São Paulo: Brasiliense, 2003.
- POZENATO, José Clemente. *Conversa solta*. Caxias do Sul: Maneco, 1999.
- _____. *O regional e o universal na literatura gaúcha*. Porto Alegre: Movimento/IEL, 1974.
- _____. O biriva. *Folha de Caxias*, Caxias do Sul, jun. 1989.
- SÁ, Jorge de. *A crônica*. São Paulo: Ática, 1985.
- STEEN, Edla Van. *Viver e escrever*. São Paulo: LPM, 1982.
- ZARUR, George de Cerqueira Leite. *Região e nação na América Latina*. São Paulo: UnB/Imprensa Oficial do Estado, 2000.

